

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**LETÍCIA GABRIELA LUCIO GARCIA**

**ROMA SIGNIFICA PESSOA  
(GRANDE REPORTAGEM IMPRESSA)**

**SÃO PAULO  
2019**

**LETÍCIA GABRIELA LUCIO GARCIA**

**ROMA SIGNIFICA PESSOA  
(GRANDE REPORTAGEM IMPRESSA)**

Relatório de Realização do Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte dos requisitos à obtenção do título de Jornalista.

Orientadora: Profª Márcia Detoni

**SÃO PAULO  
2019**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo aos meus pais, Adriana e Eduardo, pela oportunidade de estudar o que amo, pelo apoio incondicional durante toda a minha vida e pela chance de viajar o mundo. Obrigada novamente ao meu pai, Eduardo, por não só ter me ajudado a planejar a viagem que tornou este trabalho possível, como também por ter estado fisicamente presente durante todas as fases dessa aventura.

Meu muito obrigada à minha orientadora, Márcia Detoni, pela confiança, pelas críticas construtivas, e por todo o incentivo durante os quatro anos de faculdade. Mais do que isso, obrigada por ser a minha inspiração ao se tratar de jornalismo internacional e por receber meu trabalho de braços abertos desde o início.

Agradeço especialmente ao meu intérprete, Radoslav Asenov, e às famílias Lubenova Zaharieva, Natashova, e Dimitrov, pela disponibilidade antes, durante e depois da minha viagem à Bulgária, por todos os ensinamentos, e pela hospitalidade.

Obrigada à minha diagramadora, Beatriz Helena, pela agilidade e parceria. Agradeço também a todos os meus amigos pela paciência e apoio emocional durante os quatro anos de faculdade.

Muito obrigada também ao meu namorado, Peter Gudme, pelo companheirismo e compreensão, além de todos os feedbacks sobre este trabalho. Obrigada por ter encontrado tempo de me ajudar com as entregas da faculdade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que torceram por mim e me apoiaram em todos os momentos antes, durante e depois da execução deste trabalho.

## **Resumo**

O povo roma é a maior etnia da Europa, com aproximadamente 12 milhões de pessoas ao redor do mundo. É também a minoria mais discriminada dos países europeus, conhecida popularmente como cigana. Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou relatar as injustiças cotidianas sofridas por famílias roma residentes no distrito de Blagoevgrad, Bulgária. A grande reportagem “Roma significa pessoa” foi executada a partir de um estudo das técnicas literárias do jornalismo, de uma viagem de campo e de leituras de artigos de especialistas.

## **Palavras-chave**

Roma; cigano; Bulgária; discriminação.

---

## **Abstract**

The Roma people are the largest ethnic group in Europe, with approximately 12 million people around the world. It is also the most discriminated minority of European countries, popularly known as Gypsy. This paper had the goal to report the daily injustices suffered by Roma families residing in Blagoevgrad district, Bulgaria. The article “Roma means person” was carried out from studies of journalistic literary techniques, a field trip, and expert article readings.

## **Keywords**

Roma; gypsy; Bulgaria; prejudice.

<b>Sumário</b>	
<b>Introdução</b> .....	<b>7</b>
<b>Referencial teórico</b> .....	<b>9</b>
Povo roma .....	9
Jornalismo literário .....	10
Jornalismo internacional .....	11
<b>Desenvolvimento da peça</b> .....	<b>13</b>
Estilo e linguagem da peça .....	13
Fontes .....	14
Fotos .....	14
<b>Considerações finais</b> .....	<b>16</b>
<b>Referencial bibliográfico</b> .....	<b>18</b>

## 1. Introdução

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma grande reportagem sobre as dificuldades cotidianas de uma comunidade roma no interior da Bulgária, o país mais pobre da União Europeia. Os roma, popularmente conhecidos como ciganos, são a minoria predominante na Europa, sendo também a que mais sofre com preconceito, segundo a ONU. Estima-se que 12 milhões dos residentes europeus sejam roma, concentrados em países como Espanha, Hungria, França, Bulgária e Romênia; além de um milhão no Brasil, um milhão nos Estados Unidos, e dois milhões no Egito. A reportagem tem o intuito de provocar reflexões sobre as injustiças sociais praticadas contra o povo.

A discriminação contra o povo já é centenária: a etnia, originalmente do norte da Índia, foi escravizada na Hungria e na Romênia no século XV, e foi um dos alvos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Além do preconceito histórico, os ciganos também sofrem exclusão social por seu idioma, formado por diversos dialetos próprios, e pelo estereótipo que os acompanha — o senso comum é que são folgados, não têm vontade de trabalhar e são ladrões.

A comunidade roma em Blagoevgrad, na Bulgária, soma, aproximadamente, duas mil pessoas vivendo em condições desumanas. Ao todo, a cidade conta com pouco mais de 70 mil habitantes e o país, sete milhões. A Bulgária é um dos países com maior concentração cigana da União Europeia, com 325 mil cidadãos roma, e um dos mais polêmicos também. Partidos declaradamente anti-roma têm grande presença no parlamento; por outro lado, a etnia não tem representatividade alguma no governo. Boyko Borisov, primeiro-ministro búlgaro desde 2010, já sugeriu oferecer abortos gratuitos para mulheres roma, como uma tentativa de diminuir a população cigana do país. O mesmo político disse que os roma e os turcos (a segunda etnia predominante) têm “material humano ruim”.

A existência de dados sobre o grupo é rara; no máximo, são encontradas estimativas. A partir disso, percebemos que: 1) o tema é marginalizado — tanto por órgãos oficiais, quanto pela mídia internacional — e 2) o povo é discriminado — vários roma sentem-se envergonhados e inibidos a identificarem-se como parte da etnia.

A discriminação e a falta de interesse midiático chamou-me a atenção principalmente em um momento em que a imprensa assume um papel de resistência, defendendo direitos humanos e expondo ações moralmente

questionáveis. Impressiona-me que o assunto dos roma seja tão pouco abordado na mídia internacional e não tenha espaço algum na imprensa brasileira.

A crença em um jornalismo imparcial e humanizado, que dá voz a pessoas menos privilegiadas, somado ao amor por viajar, conhecer culturas e conversar com pessoas diferentes, fez com que eu me sentisse atraída pelo tema.

Para a produção da reportagem foi realizada uma extensa pesquisa sobre a etnia a partir de artigos de especialistas e na mídia internacional, além de averiguação de dados oficiais. Foram consultados os autores Giovanni Picker e Michael Stewart, além da associação European Roma Rights Center (ERRC), para mais *insights* sobre os ciganos. Já a pesquisa sobre a prática jornalística buscou entender como o jornalismo literário pode ser desenvolvido em pautas internacionais.

Foram consultadas obras como “Jornalismo Internacional”, do João Batista Natali, “Jornalismo Internacional em Redes”, de Pedro Aguiar, e “Correspondente Internacional”, de Carlos Eduardo Lins da Silva.

Também foi feita uma viagem para a Bulgária, mais especificamente para o município de Blagoevgrad entre os dias 23 e 28 de dezembro de 2018. Na ocasião, foram feitas entrevistas com famílias roma, fotos de personagens e dos cenários, e observação do cotidiano.

O Trabalho de Conclusão de Curso representou uma oportunidade de praticar o jornalismo internacional, minha paixão desde o início da faculdade. A partir da escolha da pauta, até a busca pelos personagens, a viagem ao local e as entrevistas bilíngues — perguntas feitas em inglês e traduzidas para o búlgaro por um guia —, a realização dessa reportagem, acredito, apresentou todas as dificuldades e os prazeres do jornalismo internacional.



## 2. Referencial teórico

### 2.1 Povo roma

O grupo étnico roma é formado pelo conhecido estereótipo de ciganos. Segundo o European Roma Rights Centre (2017), os roma são um dos grupos mais antigos, maiores e mais discriminados da Europa.

“Grego”, elas dizem. Mas elas não são gregas. São garotas roma tímidas sobre admitir sua verdadeira identidade. Elas sabem que a palavra roma ou romani (...) não tem significado para a maioria das pessoas de fora. Elas poderiam dizer que são “ciganas”, mas isso poderia assustar estranhos<sup>1</sup> (MATRAS, 2014, p.2 — tradução nossa)

Por sofrerem com a discriminação, muitos não admitem serem roma, o que dificulta a coleta de dados sobre o grupo. Dessa forma, as bases de dados oficiais tendem a divergir das estimativas de organizações. Segundo a European Roma Rights Centre (2017), em 2013 — última pesquisa realizada —, o governo da Bósnia e Herzegovina falava em pouco mais de 12 mil roma morando no país, enquanto a organização estimou em 76 mil. Em Montenegro no ano de 2011 a disparidade foi menor: 8305 reconhecidos pelo Estado e 20 mil, pela organização. Países como a Sérvia, Albânia e Ucrânia contam com as maiores diferenças entre os números nacionais e as estimativas internacionais. De 147 mil para 600 mil, de quase 12 mil para 115 mil e de 47 mil para 260 mil, respectivamente.

A disparidade entre os números oficiais e os reais pode ser visto com descrença. Se as grandes cidades urbanas sofrem com segregação do povo roma — o que, segundo Picker (2017), acontece — por que as fontes oficiais reportam uma quantidade infinitamente menor de Roma em território nacional do que o previsto por organizações do meio?

De acordo com Picker (2017), a Europa conta com, aproximadamente, 12 milhões de Roma que sofrem com uma possibilidade sete vezes maior em comparação a outros povos de viverem em casas segregadas do resto da sociedade (GUA, na sigla em inglês — Gypsy Urban Area). Além disso, 20% desses moram em favelas ou casas arruinadas.

Os GUAs não são habitados somente por roma, apesar da nomenclatura. Todos os habitantes sofrem preconceito de alguma forma — a probabilidade de um

---

<sup>1</sup> Citação original: “‘Greek’, they say. But they are not Greek. They are Roma girls who are timid about admitting their true identity. They know that the word Roma or Romani (...) is meaningless to most outsiders. They could say ‘Gypsies’, but that might scare the strangers away”

residente de um GUA ser empregado é 30% mais baixa em comparação a outras áreas urbanas. No entanto, o povo Roma enfrenta ainda mais barreiras: as chances de obter um emprego são a metade em relação a outros moradores do mesmo GUA, de acordo com Picker (2017). Dessa forma, fica claro o porquê de um dos maiores problemas que assolam o povo roma ser a renda — 90% das famílias roma têm uma renda mensal abaixo do limiar da pobreza.

Além da discriminação da sociedade como um todo contra a etnia roma, muitos governantes de países europeus não escondem seu desgosto pelo povo, de acordo com Zahariev (2019). O presidente búlgaro, por exemplo, Rumen Radev, representante do partido socialista do país, mostrou-se inúmeras vezes anti-roma. O vice-primeiro-ministro do país, Krasimir Karakachanov, inclusive propôs medidas contra o povo; uma das propostas do início de 2019 era integrar os GUAs ao demolir construções não autorizadas pelo governo. Segundo o vice-primeiro-ministro, a ideia é dar a chance aos roma de comprar a terra em que já vivem. A proposta faz parte do “Conceito para Integração da Etnia Cigana (Roma) Não-Socializada”.

## **2.2 Jornalismo literário**

Para Pena (2006), o conceito de jornalismo literário vai além de praticar a escrita literária em uma grande reportagem. O gênero diz respeito a exercer a cidadania enquanto jornalista, se desprender dos acontecimentos cotidianos e proporcionar aos leitores novos pontos de vista, além de garantir a profundidade dos fatos.

Ainda segundo o autor, o jornalismo literário se preocupa com a contextualização da matéria, além da *hard news*. O gênero também é utilizado para fugir da fórmula jornalística (lide, pirâmide invertida) e usar de elementos literários durante a construção da narrativa.

O jornalismo literário permite observação participante, que surgiu na década de 1960 e diz respeito ao jornalista viver a situação que ele pretende contar. “Consiste no registro dos gestos cotidianos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de móveis, vestuário, decoração, estilos de viagem, comida, de cuidar da casa (...) e outros detalhes simbólicos que pudessem existir numa cena” (WOLFE, 1973, apud LIMA, 2009, p.124). A ideia da descrição detalhada, segundo Wolfe, é permitir que o leitor conheça os personagens mais a fundo.

As funções de linguagem também podem ser usadas como artifício do jornalismo literário, de acordo com Lima (2009), como metáforas e metonímias. Outro aspecto recorrentemente utilizado é a humanização dos personagens, descrevendo características com as quais os leitores possam identificar com a história a ser contada. Além disso, o jornalismo de intimidade, como o autor chama, é o ato de acompanhar a rotina de pessoas comuns. Esse recurso literário não requer gancho algum, somente a curiosidade do autor basta como motivo para fazer uma matéria sobre alguém.

### **2.3 Jornalismo Internacional**

Para Williams (2011, p.1 — tradução nossa), o jornalista internacional é “o nó de um sistema de coleta de notícias internacionais que fornece a portais midiáticos ao redor do mundo com um fluxo de informação regular, confiável e rápida”<sup>2</sup>.

Um jornalista da editoria de Política Internacional, segundo Natali (2007), deve ter interesse em história, por mais que esse pré-requisito fosse mais importante há décadas. Além disso, deve saber que seu trabalho, além de publicar as matérias de agências, é também contextualizar os fatos e juntar outras informações relevantes ao texto.

“Precisamos explicar esse lado coletivo dos fatos, discorrer sobre os interesses coletivos que eles implicam” (NATALI, 2007, p.66). A importância da editoria internacional está em trazer à tona fatos de interesse público, embora possivelmente pouco discutidos, e explicar o porquê de a população brasileira ter de se preocupar com uma guerra no Oriente Médio, por exemplo.

Entretanto, a maior parte das notícias de jornalismo internacional é previsível, como diz Natali (2007). Com um orçamento cada vez menor para as redações, o número de correspondentes internacionais diminuiu e as notícias se concentraram nas grandes potências, não havendo espaço para países e povos marginalizados.

O mesmo autor afirma que, no Brasil, as redações passaram a ser pautadas pelo marketing desde a última década de governo militar; dessa forma, “o discurso do noticiário como um todo (...) passou a privilegiar temas e pautas de grande impacto e apelo comercial” (AGUIAR, 2008, p.71).

---

<sup>2</sup> Citação original: “He or she is the node of a system of international news gathering which provides media outlets around the world with a regular, reliable and rapid flow of information”

Para a editoria internacional, a interferência comercial significa o predomínio de notícias quentes e emocionalmente apelativas, como cobertura de guerras e desastres naturais, em substituição ao “acompanhamento cotidiano da diplomacia e movimentos estratégicos da geopolítica internacional” (AGUIAR, 2008, p.71). A inserção de novas fontes também se torna improvável, já que grandes potências mundiais dispensam apresentações, ao passo que países de Terceiro Mundo teriam de ser introduzidos ao público, tomando tempo e ocupando espaço do jornal.

O problema engloba não só o trabalho extra que inserir países de Terceiro Mundo no jornal causaria, mas também o fato das redações internacionais cada vez mais enxutas. Segundo Silva (2011), o papel do correspondente internacional é essencial para conscientizar a população que não costuma viajar para o exterior, mas continua sendo afetada pela globalização. Dito isso, o autor conclui que é uma falha das redações não manterem jornalistas em diferentes países para apurar notícias locais.

De acordo com Aguiar (2008), com o surgimento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), como os computadores conectados à internet e os telefones celulares, o espaço físico da mídia aumentou quase infinitamente — assim, em teoria, todos os assuntos poderiam ser abordados.

No entanto, segundo o mesmo autor, além dos benefícios de desvincular a importância de uma pauta ao espaço físico do jornal, as NTICs também revolucionaram a comunicação, de forma que a rapidez nas publicações se tornou o novo pré-requisito nas redações. As matérias internacionais ficam cada vez mais superficiais, com pouca apuração e dependentes exclusivamente de agências de notícias.

O surgimento da internet também aumentou o poder dos editores na sede dos jornais e diminuiu a autonomia de correspondentes, segundo Silva (2011). O trabalho passou a ser mais eficiente em relação ao tempo gasto para produzir uma matéria, mas não necessariamente acrescentou qualidade ao trabalho. “O imediatismo que se exige do jornalista (...), inclusive do correspondente, pode ser um dos grandes problemas para o futuro de sua credibilidade” (SILVA, 2011, p.66).

### 3. Desenvolvimento da Peça

#### 3.1 Estilo e linguagem da peça

Este relatório tem como peça uma grande reportagem para revista, o que eu acredito ser a melhor maneira de retratar com profundidade a realidade vivida por famílias tratadas como apátridas pertencentes ao grupo étnico roma. As técnicas de jornalismo literário, como descrição de cena e observação participante, foram usadas com o intuito de permitir que o leitor experiencie o contato com pessoas desconhecidas, mesmo longe.

A revista escolhida para hospedar a reportagem é a National Geographic. Dessa forma, a diagramação da peça deste Trabalho de Conclusão de Curso foi feita com base na revista original — minimalista, o veículo divide o texto, majoritariamente, em duas colunas, ao fundo branco ou com uma foto de *background*.

As grandes matérias na National Geographic são divididas por intertítulos e os elementos visuais, como fotos, são peças-chave do estilo da revista. Diferentemente de outros veículos, a National Geographic não legenda todas as fotos usadas. Além disso, as fontes usadas pela revista foram criadas para uso próprio, de forma que precisei escolher fontes similares para a reportagem.

Entre descrições de cena e aspas dos entrevistados, acrescento dados para ilustrar como os governos e organizações enxergam e lidam com a situação dos roma, além de *insights* de estudiosos do assunto.

Os intertítulos dividem as histórias dos personagens por temas — todos, de alguma forma, relacionados a direitos humanos (majoritariamente à saúde e à educação). De forma implícita e secundária, a reportagem traz à tona as dificuldades de se criar uma identidade pessoal — tanto individual, quanto a cultura do grupo — enquanto roma.

O título da matéria, “Roma significa pessoa”, surgiu após várias pesquisas sobre o dialeto romani. A palavra roma, além do nome da etnia, é como os ciganos chamam uns aos outros. E, traduzindo ao português, significa pessoa. Quem não pertence à etnia é chamado de “gadje”, porém esta palavra não tem tradução exata em outros idiomas.

### 3.2 Fontes

Em relação às fontes, entrei em contato com a European Roma Rights Centre, a maior organização que trata de direitos ao povo roma. A ERRC tem também um relatório específico sobre os ciganos moradores dos países Balcãs, o qual consultei. Autores de estudos sobre o povo roma também foram contatados — Giovanni Picker, autor do livro “Racial Cities: Governance and the Segregation of Romani People in Urban Europe”; e Michael Stewart, autor do livro “Gypsy Menace: Populism and the New Anti-Gypsy Politics”.

Durante a minha viagem à Bulgária, entrevistei três famílias roma residentes do mesmo distrito, mas com poderes aquisitivos distintos. A família Lubenova Zaharieva é uma das mais pobres da comunidade de Blagoevgrad e foi a primeira com quem eu conversei. Algumas casas para baixo (ou seja, uma região menos pobre do que onde comecei), conheci a família Natashova, cuja matriarca, Maria, tem quatro filhos com apenas 27 anos. Por fim, conversei com Metodi Dimitrov, pastor voluntário da comunidade, dono de duas casas na área nobre do distrito e funcionário de uma construtora em Sófia.

A ideia das entrevistas foi entender como as famílias se sustentam, se têm acesso à trabalho formal, se têm ajuda governamental e como é a rotina deles. A identidade pessoal, tanto em forma de documentos nacionais quanto em sentimentos, também foi tratada.

### 3.3 Fotos

Por se tratar de uma grande reportagem para a revista National Geographic, que conta com fotos profissionais que contam boa parte da história, as imagens foram essenciais para ilustrar a realidade dos moradores do distrito.

A proposta foi de fotografar ao máximo o caminho que as famílias fazem no dia a dia dentro da comunidade, além de fazer uma clara comparação das casas do distrito com o restante da cidade. Todas as fotos são autorais, para passar a sensação de ser o ponto de vista dos próprios residentes do distrito.

A produção das fotos, no entanto, foi desafiadora. Meu intérprete, Radi, sugeriu que eu não levasse a câmera semiprofissional que tinha comigo — afinal, eu era uma estranha àquelas pessoas e muitos poderiam ficar desconfortáveis. A solução foi deixar que Radi tirasse algumas fotos com meu celular e, mais tarde,

dirigi ao redor do distrito para conseguir imagens de melhor qualidade — mesmo que mais distantes — com a câmera.

Em relação às autorizações de uso de imagem, as famílias com quem conversei são analfabetas, logo não pedi para que assinassem documento algum. Tenho, no entanto, as autorizações gravadas em áudio, caso sejam necessárias.

#### 4. Considerações finais

A produção dessa grande-reportagem significou, para mim, um grande desenvolvimento profissional e a realização de um sonho. Com as tarefas similares a de um correspondente internacional, carreira que sempre quis seguir, trabalhei minha desenvoltura durante as entrevistas e me aventurei pelo jornalismo literário, que nunca tinha tentado antes, na execução da peça.

Pesquisei por meses sobre o povo roma antes de viajar, com o intuito de entender quem são, de forma que eu formulei uma lista com mais de trinta perguntas para fazer para cada entrevistado. Queria saber tudo sobre o sistema de saúde público, o de ensino, como eles se sentiam discriminados pelo governo no dia a dia.

No entanto, foi somente durante as entrevistas que me dei conta que não tinha nenhuma pergunta pessoal. Eu sabia sobre a história do povo roma, mas não pensei em perguntar sobre a história de cada um dos meus entrevistados. Assim, ainda durante a primeira entrevista, com Rumyana e seus filhos, passei a alterar um pouco as minhas perguntas anotadas previamente.

A situação me fez compreender a importância da experiência prática jornalística. Por mais preparada que eu estivesse teoricamente, nada me poderia me preparar bem o suficiente para a conversa ao vivo com os personagens. O cenário foi desafiador e gratificante ao mesmo tempo.

As leituras realizadas para o referencial teórico, por outro lado, me auxiliaram durante a escrita da grande-reportagem. Principalmente por se tratar de um estilo novo de escrita para mim, o livro *Páginas Ampliadas* de Edvaldo Pereira Lima me ajudou a compreender o processo e a importância da descrição de cenas.

Acredito que através do jornalismo literário tenha conseguido demonstrar de modo realístico, apesar de sentimental, o cotidiano das famílias roma no distrito de Blagoevgrad. O objetivo, desde o início, foi trazer mais visibilidade à etnia e às dificuldades que passam no dia a dia, enquanto mantém o bom humor e o sorriso no rosto.

Desde que voltei da Bulgária, mantive contato com Radi, meu intérprete. Acompanho, mesmo que de longe e superficialmente, o crescimento dos filhos de Rumyana e Maria. Sei que as dificuldades não mudaram no último ano, mas que a resiliência e o orgulho ainda predominam as casas das famílias.

Finalizo esse ciclo também com um sorriso no rosto, uma sensação de tarefa cumprida e muita vontade de reencontrar as pessoas que permitiram que suas



histórias fossem compartilhadas com desconhecidos, a um oceano de distância. Meu desejo é seguir estudando e aprendendo mais sobre os roma, viajar e conhecer diferentes comunidades — projeto que pode resultar em muitas reportagens mais.

## Referencial bibliográfico

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

European Roma Rights Centre. **ERRC**. Disponível em: <<http://www.errc.org/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

EUROPEAN ROMA RIGHTS CENTRE. **Roma Belong: Discrimination, Statelessness and Marginalisation of Roma in the Western Balkans and Ukraine**. Budapeste: Errc, 2017. Disponível em: <[http://www.errc.org/uploads/upload\\_en/file/roma-belong.pdf](http://www.errc.org/uploads/upload_en/file/roma-belong.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

MATRAS, Yaron. **The Romani Gypsies**. Massachusetts: Harvard University Press, 2014.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como conceito e gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Artigo**. Rio de Janeiro: Uff, 2006. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

PICKER, Giovanni. **Racial Cities: Governance and the Segregation of Romani People in Urban Europe**. Londres: Routledge, 2017. Disponível em: <[http://giovannipicker.net/wp-content/uploads/2018/11/Racial\\_Cities\\_Intro.pdf](http://giovannipicker.net/wp-content/uploads/2018/11/Racial_Cities_Intro.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

STEWART, Michael. **Gypsy 'Menace': Populism and the New Anti-Gypsy Politics**. Londres: Oxford University Press, 2012.

WILLIAMS, Kevin. **International Journalism: Journalism Studies: Key Texts**. Londres: Sage, 2011. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=Olc-TKXYXEMC&oi=fnd&pg=PP2&dq=international+journalism+kevin+williams&ots=uk>>

TKXYXEMC&oi=fnd&pg=PP2&dq=international+journalism+kevin+williams&ots=uk

4cFz6YIB&sig=oDIY6HQZyYL9ws2TJp9FffAIBw#v=onepage&q=international%20journalism%20kevin%20williams&f=false>. Acesso em: 07 out. 2018.

ZAHARIEV, Atanas. DEMOCRACY UNDER SIEGE: BULGARIA'S PARLIAMENT TO VOTE ON FASCIST ANTI-ROMA STRATEGY. **European Roma Rights Centre**. Sofia, p. 1-1. 14 maio 2019. Disponível em: <<http://www.errc.org/news/democracy-under-siege-bulgarias-parliament-to-vote-on-fascist-anti-roma-strategy>>. Acesso em: 10 jun. 2019